

A descodificação do 5 de outubro – Por Abílio Ribeiro

written by Abílio Ribeiro | 5 de Outubro, 2024



Dia de Proclamação da República. Uma festança. Talvez a terminologia seja exagerada, pois, se perguntar-se a 10 pessoas na rua, 8 vão dizer que é dia de S. qualquer-coisa e as restantes 2 limitam-se a esperar que o próximo feriado seja colado ao fim-de-semana. Posto isto, descodifique-se então o 5 de outubro.

Em síntese, eis o que se passou: em 1910, um grupo de pessoas insurgiu-se contra a monarquia e expulsou D. Manuel II. E afirmou: “pronto, está feito. Vamos experimentar uma coisa chamada República”. Assim, como quem aclama que vai cortar nos doces. Uns dias depois, já estavam escondidos no gabinete a comer pastéis de nata. Uma República, sim; mas sem confiança em demasia.

A verdade é que os mentores da iniciativa se esqueceram de avisar que os portugueses também poderiam participar nisto. Proclamaram a República como quem muda o nome do grupo de WhatsApp sem avisar. Não é de estranhar que a dúvida se tenha instalado: *“quem é este Bernardino Machado que está a enviar mensagens?”*.

O lado positivo é que o feito se traduziu num feriado nacional. A parte menos boa é que o feriado só calha bem de vez em quando. Não há maior prova de que, quem escolheu o dia 5 de outubro, na essência não percebe nada de feriados. Parece que o objetivo tenha assentado nesta ideia: *“vamos mudar o regime, mas só para vos estragar a semana continuaremos por cá”*.

Claramente, não houve planeamento, análise de mercado, benchmarking. Caso contrário, o 5 de outubro teria acontecido a 1 de janeiro, o que significaria motivação redobrada. E não havia dúvidas quanto ao dia. Não tendo sido assim, o 5 de outubro é aquele feriado que só se percebe quando chegamos ao local de trabalho e questionamos: *“isto está fechado porquê? Hoje há greve?”*.

Mas sejamos justos. A implementação da República foi realmente bem planeada. De tal modo que D. Manuel II não teve tempo de reagir. Há quem considere que este foi o despejo mais rápido da história de Portugal. Mal acordou, o visado foi notificado: *“más notícias. Os republicanos chegaram. O barco parte dentro de 10 minutos”*.

A mudança de regime implicou substituir o Hino da Carta pelo Hino Nacional, sobejamente conhecido como “A Portuguesa”. Na altura, o trabalho não se afigurou fácil. Era necessário algo vibrante, pujante, ritmado. Assim surgiu “Heróis do mar...”. *Mas quais heróis? Qual mar?*”. Ao certo, ninguém sabe. Consta apenas que um dos intervenientes terá dito: *“Calem-se. Isto já rimou e é hora de fechar o café”*.

Sobre a bandeira, as observações e as queixas vêm sobretudo dos miúdos que frequentam o 6.º ano. Raros são aqueles que conseguem desenhar a esfera armilar e o escudo de acordo com as expectativas do professor de Educação Visual.

A República trouxe mudanças, de facto. O povo passou a ter voz e liberdade. Hoje, todos podem criticar quem nos governa sem medos. Só que ninguém liga. Vivemos o sonho de qualquer democracia: todos podem dizer mal e todos podem não fazer nada para mudar. É praticamente uma revolução, tendo em conta que somos totalmente livres de contestar o preço da gasolina. E, após atestarmos o depósito, pagamos e seguimos viagem.

Neste 5 de outubro celebra-se o dia em que deixámos de ser súbditos para sermos contribuintes, em que se trocou a corte por partidos políticos (mas continuando a existir uns mais nobres do que outros), em que trocámos a monarquia pela burocracia. O sistema parece ter alguns “bugs”, pois estamos com alguma dificuldade em instalar a versão final da República. Deixámos de dizer “*viva o rei*” para passarmos a proclamar “*abaixo o governo*”. No fundo, é como um jogo de futebol que nunca acaba: há sempre substituições, mas ninguém acerta na baliza. O 5 de outubro é a data que nos lembra que, apesar da monarquia ter caído, os impostos continuam firmes e inabaláveis.

Celebremos a República, a liberdade e a nossa habilidade inata para saber esperar na imensidão das filas. É chegado o momento de nos reunirmos e brindarmos ao direito de podermos escolher quem nos irá fazer rir ou chorar no próximo ciclo eleitoral. Aqueles que nos prometem sempre que, juntos, vamos construir um futuro brilhante – quando, na verdade, o que queremos é um futuro onde não tenhamos de construir mais nada.